

### LISBOA—NOVO ESTABELECIMENTO DE BANHOS.

A nossa capital vae finalmente possuir um estabelecimento de banhos digno d'ella, e do fim a que deve ser applicado. Já era tempo. A salubridade publica exigia-o imperiosamente; de feito as pequenas casas de banhos que por ahi havia estavam bem longe de preencher todas as indicações da hygiene. O novo estabelecimento de banhos portanto satisfaz, em parte, a uma necessidade reconhecida geralmente. Não basta ainda, para o que deve ser, n'este genero, uma das mais formosas cidades do mundo; mas releva confessar que é bello principio este de execução de um pensamento altamente humanitario e civilizador.

O novo estabelecimento de banhos está situado junto ao largo de S. Paulo, no bêco do Carvalho, para onde deita a fachada principal. Tem esta de comprimento 135 palmos, 83 de fundo do lado leste, 78 do lado oeste, e 47 de altura desde o nivel da calçada até o cume do frontão. D'aquelle lado confina com um predio bastante alto, e d'este com um armazem, pertencente ao forte de S. Paulo.

Pena foi que um tão elegante edificio fosse erigirse em sitio escuso, quando era digno de ornar uma praça razoada. N'este ponto prevaleceu a idéa da economia, porquanto o terreno em que se está construindo pertence ao estado, que o cedeu gratuitamente á santa casa da misericordia de Lisboa, por conta de quem correm as despesas da obra. Felizmente, se o pensamento de economia, até certo ponto exagerado, produziu o inconveniente que apontamos, e que aliás não é pequeno, em uma cidade pouco abundante de monumentos de regular architectura, é mister declarar, em abono da verdade, que não amesquinhou a construcção, considerada isoladamente; porque os materiaes que se buscaram são optimos, e as decorações de um estylo singelo, mas de bom gosto.

O estabelecimento de banhos de S. Paulo é destinado a ministrar banhos mineraes, conduzindo-se para este local as afamadas aguas sulfureas, que rebrantam proximo ao arsenal de marinha. Tambem

haverá ali banhos de agua doce, e de agua salgada quando se julgarem convenientes.

No centro do pavimento terreo ha um reservatorio para agua sulfurea; os camarins de banhos estão dispostos em tres andares, dando-lhes serventia outras tantas galerias, que se aguentam sobre columnas de ferro, collocadas na prumada das quatro faces do reservatorio.

A parte leste do edificio contém diversos tanques, e a machina de vapor, por força da qual se ha de elevar, tanto a agua sulfurea, como a agua doce, na temperatura que se requerer, aos tanques superiores, d'onde deve ser distribuida por tubos para as diferentes tinas.

São cincoenta e nove as tinas; vinte e quatro destinadas ao serviço das pessoas pobres; e as restantes trinta e cinco ao das que satisfizerem a quantia indicada na competente tabella. Das tinas quatorze são enterradas, vinte e oito de zinco, e dezeseite de pedra liós. As diferentes officinas consta-nos estarem distribuidas do modo mais conveniente; sabemos tambem que se não poupam despesas para que, tanto a mobilia como o serviço interno, correspondam dignamente aos fins que se tiveram em vista na fundação d'este importante estabelecimento. E muito folgaremos que assim aconteça; porque n'isto, como em muitas outras cousas, a verdadeira economia não consiste em gastar pouco, mas em gastar o necessario com acerto.

Começou-se a construcção do novo estabelecimento de banhos em 17 de abril de 1854; vae muito adiantada, e deve concluir-se dentro em mui poucos mezes. O risco é do dignissimo architecto da camara municipal, o sr. Pézerat. A este cavalheiro devemos o desenho, que mandamos gravar, e apresentamos n'este numero, bem como uma primorosa planta, e os mais precisos esclarecimentos para a confecção d'este pequeno artigo. Cordealmente lhe agradecemos tão fino obsequio, folgando de ter esta occasião de prestar ao sr. Pézerat um humilde tributo

da elevada consideração, de que se torna crédor pelo seu relevante mérito.

## A QUESTÃO DO ORIENTE.

### VIII.

Vendo o imperador Nicolau a resistencia do governo britannico em acceder ás suas propostas, fez redigir um *memorandum*, em que procurava combater e desfazer todos os argumentos apresentados pelos ministros da rainha Victoria, com o fim de os trazer ao desejado accôrdo.

Não permittindo a estreiteza do espaço, que se copie na sua integra este interessante documento, transcreverei sómente um paragrapho, que vem corroborar o que n'outro lugar disse ácerca da solicitude e habilidade com que o gabinete de S. Petersburgo se tem sabido aproveitar dos erros commettidos pela politica ingleza e franceza na Turquia, que por muitas vezes lhe tem fornecido pretextos para a sua intervenção n'este paiz.

«O gabinete inglez, (diz o *memorandum*), á vista da incerteza e caducidade do actual estado de cousas na Turquia, exprime o desejo de que se use para com a Porta da maior longanimidade. O imperador tem a consciencia de nunca haver obrado de outra maneira. O gabinete inglez convém n'isto, e dirige ao imperador, relativamente ás numerosas provas de moderação, que até hoje tem dado, elogios que sua magestade todavia não acceta, por quanto a este respeito não tem feito mais do que obedecer ás suas imperiosas convicções. Mas para que o imperador possa continuar a concorrer para este systema de longanimidade, e abster-se de todas as demonstrações, e de toda a linguagem peremptorias, é mister que semelhante systema seja seguido igualmente por todas as potencias ao mesmo tempo. A França adoptou outro muito diverso. Foi por meio de ameaças que alcançou permissão, contra a letra dos tratados, para fazer entrar nos Dardanellos um navio de guerra. Foi pela boca do canhão, que apresentou por duas vezes as suas reclamações e exigencias de indemnisação, primeiro em Tripoli, e depois em Constantinopla. Foi ainda por meio da intimidação que, na contestação sobre os logares santos, conduziu as cousas a annullar-se o decreto e as solemnes promessas feitas ao imperador pelo sultão. A Inglaterra guardou completo silencio na presença de todos estes actos de prepotencia. Nem offereceu á Porta o seu apoio, nem fez observações ao governo francez. A consequencia está pois clara. A Porta deverá necessariamente ter concluido de tudo isto, que só da França é que tem tudo a esperar, e tudo a temer; e que em quanto á Austria e á Russia póde impunemente illudir as suas reclamações. É por este motivo que a Russia e a Austria, a fim de obter justiça, se têm visto a seu turno, e a seu pezar, obrigadas a empregar a intimidação, pois que tratam com um governo, que não cede senão na presença de uma acção peremptoria; e d'estarte pela sua propria culpa, ou antes pela dos que anteriormente a têm enfraquecido, a Porta é impellida para um caminho que a enfraquece ainda muito mais. Trate portanto a Inglaterra de lhe fazer ouvir a voz da razão. Deixe de se unir com a França contra as justas reclamações da Russia, e fuja de apoiar as resistencias do governo ottomano. Seja a primeira a persuadir-o a tratar os seus subditos christãos, como a propria Inglaterra julga essencial, com

mais equidade e humanidade. Será este o mais seguro meio de poupar ao imperador a obrigação de se prevalecer na Turquia dos seus direitos de protecção tradicional, de que não faz uso sem pezar seu, e de afastar indefinidamente a crise, que o imperador e sua magestade a rainha desejam igualmente evitar.»

Sir H. Seymour, enviando para o seu governo uma cópia d'este documento, expressava-se a respeito d'elle no seu officio de 9 de março de 1853 da seguinte maneira: «Parece-me ver no *memorandum* imperial tres pontos perfeitamente estabelecidos: a existencia de alguma combinação particular entre as duas côrtes imperiaes a respeito da Turquia, a promessa do imperador Nicolau de não tomar posse, nem mesmo estabelecer-se em Constantinopla, assim como de não entrar em especie alguma de arranjo relativo a quaesquer medidas, que se devam tomar na eventualidade da queda do imperio ottomano, sem um accôrdo preliminar com o governo de sua magestade.

«Dando como facto certo e presentemente averiguado a existencia de um accôrdo ou de um contrato entre os dous imperadores relativamente aos negocios turcos, é da mais alta importancia conhecer a extensão dos compromissos entre ambos pactuados. Em quanto ao modo por que se concluíram taes compromissos, julgo que pouca duvida póde haver. Lançaram-se as bases certamente em algumas das reuniões de soberanos, que tiveram logar no outomno passado, e depois deu seguimento ao negocio, provavelmente, o barão de Meyendorff, ministro da Russia na côrte de Austria, o qual passou o inverno em S. Petersburgo, e ainda aqui se acha.»

No dia seguinte (10 de março) officiaava novamente sir H. Seymour ao seu governo, participando-lhe o que se passára n'uma conferencia, que tivera com o conde de Nesselrode, e a pedido d'este. O chanceler da Russia, julgando, que o embaixador britannico não comprehendêra bem o *memorandum*, desejou explicar-lhe algumas passagens. Chegando áquella, que acima transcrevemos, disse que «tudo o que se pretendia era que o governo inglez, reconhecendo a magnanimidade e os sentimentos de justiça do imperador, fizesse alguns esforços para esclarecer o governo francez ácerca da falsa direcção em que o empenhou mr. de Lavalette (1).»

A isto respondeu o embaixador, que assim obrára o seu governo, não só n'esta occasião, mas em muitas outras. E para confirmar esta asserção passou a ler-lhe um extracto de um officio de lord J. Russel de 28 de janeiro para lord Cowley, embaixador da Grã-Bretanha em Paris. Sir H. Seymour teve a singular providencia de copiar e levar consigo para S. Petersburgo periodos d'aquelle despacho, que tão a proposito serviam agora para justificar a politica britannica da censura, que se lhe fazia no *memorandum*.

Mostrou-se o conde de Nesselrode muito satisfeito de que o gabinete inglez tivesse dado tão bons conselhos ao governo francez; dizendo que «sentia não ter ha mais tempo em seu poder uma prova tão concludente do partido, que o ministro dos negocios estrangeiros de sua magestade britannica tomára na questão dos logares santos.»

O conde de Clarendon, que substituíra lord J. Russel no ministerio dos negocios estrangeiros, respondeu ao *memorandum* no seu officio de 23 de março.

(1) Foi o embaixador francez, que concluiu a ultima transacção com a Turquia relativa aos logares santos.

dirigido a sir H. Seymour. Este documento é tão importante pelas observações e declarações que n'elle se fazem, e sobre tudo pela opinião, que lhe serve de remate, que julgo não dever resistir á tentação de lhe dar aqui logar na sua quasi totalidade.

«O governo da rainha, diz lord Clarendon, persevera na opinião de que a Turquia ainda possui elementos vitaes; e julga que os recentes successos têm provado a exactidão do parecer consignado no officio do meu predecessor, de que não ha razão sufficiente para se declarar ao sultão, que é incapaz de manter a paz no interior, ou de conservar relações amigaveis com seus vizinhos: O governo da Grã-Bretanha soube por conseguinte com sincera satisfação, que o imperador se considera mais interessado do que a propria Inglaterra em prevenir uma catastrophe na Turquia, pois está convencida de que da politica seguida por sua magestade imperial para com este paiz depende a acceleração ou o adiamento indefinido de um acontecimento, que todas as potencias da Europa têm interesse em conjurar.

«Está persuadido o governo da rainha de que cousa alguma é mais propria para fazer precipitar esse acontecimento do que a constante predicção da sua proximidade; que nenhuma circumstancia póde ser mais fatal á vitalidade da Turquia do que a presumpção da sua decadencia rapida e inevitavel; e que se a opinião do czar, de que os dias do imperio turco estão contados, se fizesse notoria, succederia a sua queda muito mais cedo do que sua magestade imperial parece presumir. Porém, na supposição de que, por causas inevitaveis, tenha logar a catastrophe, o governo da rainha participa inteiramente da opinião do imperador, de que a occupação de Constantinopla por uma ou outra das grandes potencias seria incompativel com a manutenção da paz da Europa, e que portanto essa occupação deve ser julgada d'uma vez para sempre como impossivel; participa da opinião de que não existem elementos para a reconstrução do imperio bysantino; de que a má administração systematica da Grecia não anima a estender-lhe o territorio, e de que, como não existem materiaes para o governo provincial ou communal, a anarchia seria o resultado do abandono das provincias turcas a si proprias, ou a auctorisação que lhes pudesse ser dada para se constituirem em republicas distinctas... Crê o governo da rainha, que não está no poder das combinações humanas a faculdade de dominar os acontecimentos, e que nenhum arranjo poderá conservar-se em segredo. Seria isto, na opinião do governo da rainha, o signal para se urdirem intrigas de toda a especie, e para rebentar a revolta no meio dos subditos christãos do sultão. Esforçar-se-ia então cada potencia e cada partido para assegurar os seus interesses no futuro, e a dissolução do imperio turco seria precedida de um estado de anarchia, que aggravaria todas as difficuldades, se é que não tornasse impossivel a solução pacifica da questão. A unica maneira de chegar a uma tal solução seria um congresso europeu. Mas este proprio recurso é mais um motivo para que se deseje a manutenção da actual ordem de cousas na Turquia: pois que o governo da rainha não póde pensar sem inquietação nos ciames, que se desenvolveriam, na impossibilidade de conciliar as diversas ambições, e os interesses divergentes, que seriam postos em lucta, e na certeza de que os tratados de 1815 seriam susceptiveis de revisão, podendo succeder que a França se resolvesse a correr os azares de uma guerra europea para se livrar de obrigações, que considera como offensivas á honra

nacional, e que, impostas por inimigos victoriosos, são para ella constante origem de irritação. O principal objecto, que o governo da rainha tem em vista, aquelle a que se têm dirigido, e hão de dirigir todos os seus esforços, é a manutenção da paz. Deseja sustentar o imperio turco, por effeito da sua convicção de que não se póde levantar no oriente questão alguma importante, sem que se torne em fonte de desordens para o occidente, e de que todas as grandes potencias do occidente assumirão um caracter revolucionario, e emprehenderão uma revisão completa do systema social, para a qual os governos continentaes não estão de certo preparados.»

Este ultimo periodo póde ser considerado como uma ameaça, como um meio de tirar ao imperador Nicolau a vontade de provocar ou apressar um acontecimento, cujas consequencias poderão ser tão funestas para toda a Europa. Entretanto quem não se contentar com as razões mais faceis de attingir; quem não se der por satisfeito com as primeiras interpretações, que nos occorrem ao entendimento; quem tiver apreciado philosophicamente os acontecimentos, que ainda não vão longe, e sem que os visse pelo prisma das suas opiniões, e atravez dos seus desejos, achará sem duvida n'aquellas palavras do ministro britannico uma profunda opinião, embora de envolta com uma ameaça.

Em 15 de abril escrevia o conde de Clarendon a sir H. Seymour, dizendo, que «o governo de sua magestade não via utilidade em prolongar uma correspondencia sobre questão em que se haviam entendido perfeitamente; e portanto, o que me resta a dizer-lhe é, que o governo de sua magestade vê com prazer que o imperador considera a queda do imperio turco uma eventualidade incerta e remota, e que nenhuma crise torna imminente esta queda.»

Cinco dias depois, e antes que chegasse ao seu destino o despacho, que continha o periodo acima, dirigia sir H. Seymour ao conde de Clarendon um officio, em que referia a conversação, que tivera com o imperador no dia 18, por occasião de ser convidado a jantar no paço.

Mostrava-se o czar muito satisfeito «por ver as relações das duas côrtes repousando agora sobre melhor base, pois que se tinham entendido perfeitamente acerca de pontos que, se ficassem em duvida, poderiam dar logar a desintelligencias.» Declarando que os compromissos por elle tomados seriam obrigatorios para o seu successor, disse: «As minhas intenções acham-se presentemente consignadas em *memorandums*, que existem, e tudo quanto n'elles tenho promettido será cumprido por meu filho, se as mudanças de que se trata succederem no seu reinado, com o mesmo zelo e solicitude, que tem mostrado seu pae.»

Depois de ter repetido que a queda do imperio otomano, por mais que se desejasse afastal-a, não podia deixar de considerar-se proxima, insistindo ao mesmo tempo nas vexações, que soffre a população christã da Turquia, accrescentou que as ultimas participações que recebera de Constantinopla davam as negociações sem terem adiantado passo algum satisfactorio; e então declarou que se até ali não fizera mover uma só nau, nem um unico regimento, não era por consideração para com o sultão, nem por motivos de economia; porém que não queria ser ludibriado, e se os turcos não cedessem á razão, teriam de ceder á aproximação de um perigo.»

Esta correspondencia entre as duas côrtes pouco mais se estendeu. As passagens que d'ella copiamos

dão sufficiente fundamento para se formar um juizo seguro da origem e fins da questão do Oriente, e da politica ingleza n'esta importante pendencia.

(Continúa).

I. DE VILHENA BARBOSA.

## NAVEGADORES ESTRANGEIROS.

### VI.

#### CONTEMPORANEOS.

Julio Sebastião Cesar Dumont d'Urville nasceu a 23 de maio de 1790, em Condé-sur-Noreau, departamento de Calvados. Em 1808 era aspirante de marinha; em 1812 foi promovido a tenente; em 1814 principiou a sua carreira maritima, acompanhando de Sicilia para França a familia Orleans. Em 1818 coadjuvou o capitão Gautier, encarregado de levantar as plantas das costas do Mediterraneo, e do mar Negro. De 1822 a 1825 serviu como immediato ao capitão Duperrey, na viagem, que mencionamos, á roda do mundo, e na qual percorreu vinte e quatro mil leguas de mar. Em 1826 foi encarregado de dirigir uma nova viagem de circumnavegação, e de procurar noticias de La Peyrouse, e de seus desgraçados companheiros. Saíu de Toulon a 25 de abril, a bordo da corveta *Astrolabio*, a mesma onde fizera a primeira viagem de circumnavegação com Duperrey, e cujo nome fôra mudado para *Astrolabio*, em honra do navio de La Peyrouse; dobrou o cabo da Boa Esperança, e chegou á Nova Hollanda, tendo soffrido contínuos temporaes. D'ahi passou a explorar as costas da Nova Zelandia, da Nova Guiné, da Terra de Van-Diemen, e de muitas ilhas, até que encontrou em Vanikoro os destroços das embarcações de La Peyrouse. Visitou ainda as Molucas, as Celebes, e outros archipelagos do Pacifico, e voltou a França, depois de vinte e cinco mil leguas de navegação, fundeando em Marselha a 25 de março de 1829.

Depois da revolução de 1830, foi d'Urville encarregado de conduzir o rei Carlos X para longe do seu paiz, commissão delicada, que elle cumpriu com dignidade; e dedicou-se nos seguintes annos á publicação das suas viagens, em cujas relações se acha sempre o util a par do agradável.

A 7 de setembro de 1837 deixou d'Urville novamente a França, para emprehender terceira viagem á roda do mundo, e ao polo sul. A mesma corveta *Astrolabio* foi confiada ao contra-almirante Dumont, chefe da expedição, e outra corveta, a *Zelosa*, que a devia seguir, teve por commandante o capitão Jaquinot. Os dous navios passaram com felicidade o estreito de Magalhães, e aoproando corajosamente ao sul encontraram um immenso banco de gelo, por 65 graus de latitude, que os não deixou passar ávante.

Eis como Dumont d'Urville descreve este maravilhoso espectáculo:

«Severo e grandioso, acima de toda a expressão, embevece a alma, ao mesmo tempo que enche o coração de um terror involuntario. Em nenhum outro logar o homem sente tão vivamente a convicção do pouco que vale. É um mundo novo que tem diante dos olhos; mas um mundo inerte, lugubre e silencioso, que ameaça de aniquilar o fraco mortal. Ali, se tivesse a desgraça de ficar abandonado, nenhum recurso, nenhuma consolação, nenhum raio de es-

perança lhe adoçaria os ultimos momentos, e o homem deveria applicar a si a famosa inscripção da porta do inferno de Dante: «*Lasciati ogni speranza, voi ch'entrate.*»

Depois de um mez de prizão entre os gelos, conseguiram as corvetas abrir caminho até uma nova costa, com altas montanhas, a que deram o nome de *Terra de Luiz Philippe*, e voltando a climas menos asperos, visitaram muitos dos archipelagos d'entre os tropicos. Em *Hobart-Town* encontrou d'Urville ao capitão Biscoe, que acabava de descobrir a terra de *Enderby*, nas regiões austraes, o que o resolveu a tentar nova expedição ao polo sul. Largando d'este ponto no 1.º de janeiro de 1840, teve a fortuna de descobrir outra costa, situada em 66º 30' de latitude, a que chamou *Terra de Adelia*, do nome de sua esposa; e em seguida uma segunda costa, que denominou de *Clarie*. Voltando d'entre os solitarios gelos, estes corajosos navegadores traziam quasi a certeza de haver surprehendido a mysteriosa posição do polo magnetico; e engolfando-se de novo no grande oceano reconheceram muitas ilhas, e fizeram importantes observações scientificas.

Finalmente, depois de andadas outras vinte e cinco mil leguas maritimas, cortado sete vezes o equador, e penetrado por duas vezes no circulo polar austral, chegaram as corvetas a Toulon, durante a noite de 6 para 7 de novembro de 1840. Tendo escapado a tão diversos perigos em todos os mares, o almirante d'Urville veiu morrer no dia 8 de maio de 1842, no caminho de ferro de Paris a Versailles, em resultado de uma explosão da machina de vapor. Toda a sua familia pereceu com elle, dentro do mesmo wagon: uma esposa adorada, e um filho. Os restos, quasi reduzidos a cinzas, d'estes desgraçados, foram sepultados com pompa no cemiterio do Monte Parnaso, e ahi se ergueu mais tarde um monumento á memoria do Cook francez.

Sabios de todas as classes se tem alliado n'estes ultimos tempos aos grandes navegadores, para estudarem os paizes que a ousadia maritima vae descobrindo nas oppostas direcções de cada um dos polos. Estas conquistas pacificas da sciencia, não deslumbram o vulgo como as emprezas guerreiras de outro tempo, porque lhes falta o restrugir das armas; mas, na verdade, os perigos não são menores para os modernos martyres da sciencia, do que para os antigos conquistadores. Vede Forster como se embrenha entre os gelos do sul, para marcar o cabo da *Possessão*, e a terra de *Clarence*, (1828) ao mesmo tempo que Ross, devassando as neves do Arctico, reconhece as costas do mar Boreal. Já é sobre um navio a vapor e á vela, que este illustre navegador emprehende a campanha polar desde 1829 até 1832. O governo britannico que o julgou perdido, como de feito se perdera a embarcação que o conduzia, mandou o capitão Back em sua busca, o qual, de passagem, fez novas descobertas n'aquelles mares.

Biscoe começou as suas viagens de exploração ao polo austral no anno de 1831, e além da *Terra de Enderby*, de que já fallamos, descobriu a *Terra de Graham*, a ilha *Adelaide* e muitas outras entre os gelos do antarctico. Morell, americano, volta, pelo mesmo tempo, da sua viagem á roda do mundo, tendo feito novos reconhecimentos no Pacifico; e Brag explora o Spitzberg e outras regiões do circulo arctico (1).

(1) A interessante relação da viagem de Brag encontra-se no II e III volumes do Panorama.

O bem conhecido almirante francez Dupetit-Thouars, fez uma viagem de circumnavegação a bordo da fragata *Venus* desde 1836 até 1839, durante a qual reconheceu a posição de muitas ilhas do mar Pacifico, e fez numerosas observações meteorológicas, magneticas e physicas. Goubie Junior, capitão do navio mercante *Bombaim*, de Bordeaux, executou igualmente uma viagem em roda do mundo, desde 1838 a 1840, com vistas puramente commerciaes. Identica rotação fez o balieiro *Dunkerquois*, capitaneado por Lecozanner, de 1839 a 1840. Balleny, capitão inglez, descobre as ilhas do seu nome, em 67° sul; (1839) e Fabvre, commandante da corveta *Recherche*, chega a 80 graus norte, e lança ferro em Magdalena-bay, um dos logares mais tristes, mais selvagens e pictorescos do Spitzberg. Ao mesmo tempo, dous navegadores francezes, Fabvre e d'Urville, buscavam, nas extremidades oppostas do globo, novas luzes sobre o systema do mundo.

Peter Dease e Thomaz Simpson proclamam-se os descobridores da passagem ao noroeste para as Indias, buscada durante mais de tresentos annos, apesar de que Beckey já antes affirmára a existencia da dita passagem; é ao anno de 1839 que se refere este resultado inutil; dizemos inutil, porque a navegação por aquelle lado é impossivel a maior parte do anno, e sempre mais trabalhosa do que pelo cabo de Horn. O capitão Charles Wilkes, americano, julgou haver resolvido o outro grande problema da existencia ou não existencia do continente austral, e denominou *Continente antarctico* a uma terra que descobriu entre os gelos. O navegador que se aproximou mais do polo austral foi comtudo o inglez James Ross; elle deu o nome de *Terra Victoria* a uma costa que descobriu por 70 graus de latitude, em 1841, e vencendo obstaculos sobrehumanos, chegou por entre ilhas de gelo até 78° 4' de latitude sul!

De então para cá são pouco importantes os descobrimentos maritimos, e Franklin é o navegador mais nomeado, pela sua mysteriosa desappareição; as noticias das ultimas viagens ao polo, muitas d'ellas em busca do illustre nauta, estão ainda frescas na memoria dos leitores, para haver de as repetir aqui, além de que é facil encontral-as nos jornaes contemporaneos.

Se o nome de algum navegador celebre deixou de figurar n'estes apontamentos, uma tal omissão só deve ser attribuida á pressa com que foram escriptos; e desculpem o compilador, que não teve, nem podia ter, pretensões de resumir em tão poucas paginas, uma historia de centenaes de volumes.

F. M. BORDALO.

## POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

### II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA,

NA ARCADIA — ALCINO NICENIO.

1728 — 1770.

### II.

No esboço intentado para darmos idéa do engenho do Garção, traçamos o quadro resumido das letras, quando se fundou a Arcadia, apreciando, em geral,

as causas que encurtaram a sua influencia sobre o gosto.

Não repetiremos, pois, o que já foi dito.

Cada um dos arcades escolheu a sua provincia, e administrou-a com a severidade de um proconsul, intimando as regras, e propondo os exemplos. Foi, portanto, verdadeiramente uma restauração classica, intolerante e exclusiva como todas as restaurações. Quem examina as obras criticas de Candido Lusitano pasma dos acanhados ambitos, em que elle não duvida encerrar a lingua e as manifestações da arte, e faz juizo immediatamente do alcance, que podia ter semelhante escola.

O que valeu sempre mais do que os preceitos, foram os ensaios de alguns poetas; as odes horacianas do Garção, e as eclogas do Quíta. Os vãos lyricos do Diniz subindo mais desassombrados contradiziam algum tanto as sentenças do codigo poetico!

Os tempos tinham corrido, porém, tão avessos á castidade das musas, e os vicios dos versejadores por tal modo lhes haviam deturpado a belleza, que certo excesso na reforma mais devia perdoar-se, que sentir-se, ou estranhar-se.

Era cedo ainda para a poesia, que nasce da inspiração nacional, e com ella se arrebatava a verdadeiras innovações de idéas e de formas.

O dogma da imitação escravizava ambos os campos. As extremas nos dous imperios tocavam-se pela crença commum de se reputar sabido e inventado tudo, suppondo quasi um sacrilegio qualquer arrojamento mais audaz.

Acima das regras cujo respeito se inculcava, não havia nada. Uns obedeciam a *Aristoteles*, a *Horacio*, e a *Vida*. Outros adoravam com fervor os idolos da renascença italiana. Emfim a plebe dos metrificadores depravados seguia as tradições de Marino e Gongora, alteradas em toda a distancia que vae dos inventores ás cópias.

Estes artigos eram inabalaveis na religião de todos. As discordias suscitavam-se unicamente sobre a preferencia das auctoridades abraçadas por cada seita.

Os puritanos estavam com o mestre de Alexandre, e com o valido de Mecenas. Os do meio termo pactuavam com os continuadores da restauração classica da Italia. Mais numerosos e insoffridos, os vates dos outeiros e abbadessados, representavam a corrupção triumphante das agudezas pueris, dos equivocos ridiculos, dos conceitos preciosos e exoticos, e das combinações refinadas e absurdas.

Já se vê qual seria n'esta lucta a bandeira da Arcadia. Manteve a reacção em nome do Olympo greco-romano. Boas espadas, os seus criticos saíam a campo, e cortavam sem piedade. Engenhos felizmente dotados, muitos dos seus poetas, condemnando o erro, e ensinando uma lei austera, ergueram monumentos dignos do seu nome, e da fama dos modelos, que proclamavam.

Sem estímulos, fizeram voto de morrerem sobre as armas até vencerem; e se acabaram primeiro do que a campanha, é de toda a justiça reconhecer que a morte veio encontral-os firmes, cada um no posto, que sustentava.

Um livro, bastante curioso, mandado escrever segundo se julga pelo marquez de Pombal para combater o ensino dos jesuitas, seus inimigos capitaes, faz a pintura exacta do atrazo geral, e dos principios que dominavam o espirito dos reformadores. É o VERDADEIRO METHODO DE ESTUDAR do padre Verney.

Depois de percorrer os generos cultivados no seu

tempo, e de flagellar os abusos, entra nos dominios da poetica, e põe as bases da restauração litteraria.

N'esta parte, deve confessar-se, é menos feliz, do que na censura. Separadas algumas regras, que o juizo critico apontou sempre em todas as epochas, o mais rasteja atraz da imitação humilde dos antigos, sem nunca se elevar a uma só d'aquellas vistas, d'onde se descobrem largos horisontes e novos pontos.

De tantos thesouros, que offerecem as tradições nacionaes á inspiração; de tantas riquezas, que o sentir e crer dos seculos robustos de Portugal patenteiam ao imaginador, nenhum lhe deu nos olhos ou mereceu proveitosa observação.

Reputa regenerada a poesia, depois da exposição dos preceitos, pela escriptura servidão aos moldes classicos. Feito isto fica tranquillo, e absolve o resto!

A theoria dos arcades, pouco mais ou menos, era a mesma. A unica differença consistia em que na pratica sabiam cobrir com as magnificencias do talento as pobreza da invenção, e o captivo das formas.

Como Virgilio tinha escripto dez eclogas, nenhum pastor do Menalo se atreveu a exceder o numero. Na ode Horacio e Pindaro foram typos absolutos para o Diniz e o Garção.

A *Filis e Demophonte*, poema tragico do padre Chagas, vê-se castigada em Verney com toda a severidade, não pelo que apresenta de excentrico e depravado; mas pelas liberdades, que tomou contra as inviolaveis unidades da epopéa.

Os mesmos *Lusiadas* não escapam á ira do censor. Comparar-se Camões a Homero equivale a uma blasphemia, capaz de aterrar no Olympo as divindades tutelares das letras, e no sacro monte as musas e Apollo. Camões peccou, não nos lapsos que lhe notamos, e que são nodos apenas do esplendido sol do seu engenho; mas nos atrevimentos e isenções, em que se libertou da craveira das poeticas auctorizadas!

Depois d'esta immolação, verificada de sangue frio, e vontade firme, nas aras da reforma, qual dos poetas evitaria os gumes da critica, e as varas da correção? Se o Camões, victima das suspeições jesuiticas, não alcançou a misericordia dos novos Minos, o que seria dos vates menores, collocados a tamanha distancia d'elle?

Do que temos exposto a conclusão parece facil. Queria-se melhorar, mas em vez de progredir, retrogradou-se. Principiada pela reacção, e era natural, mas sem forças inventivas, a regeneração das arcades nunca pôde passar da consagração do anachronismo.

Excommungaram-se os delirios da phantasia, as subtilezas e enredos metricos, e as aberrações em que se consumiam as tentativas dos versejadores da decadencia. Sentença justissima! Mas ensinando o caminho a seguir, e as entradas para o novo Parnaso, os criticos não saíam dos porticos de Roma e da Grecia, naturalizando apenas, e a custo, as obras primas da inspiração moderna.

D'ahi provém, que a douta sociedade prestou verdadeiro serviço como interprete do gosto e da razão, expurgando as letras, e desterrando do seio d'ellas todos os menstros; mas quando se arrisca a mais, e procura dictar as leis da segunda renascença, cedem-lhe os hombros com o pezo, os olhos turvam-se-lhe, e não acha seguro, senão refugiada á sombra das poeticas em desuso. O melhor emprego do talento, a seu ver, era a imitação, com os traslados á vista, do que a antiga arte nos deixou, grande e bello, creando por si mesma, e inspirando-se no sentimento das nações, que lhe deveram mais de metade da sua gloria.

## III.

Entre os homens notaveis d'este periodo, um dos que muito concorreram para illustrarem a sabia corporação foi Domingos dos Reis Quita, cujos principios humildes lhe exaltam mais ainda a nobreza do engenho, e as qualidades do coração.

Amigo particular do Garção, mas por indole menos rispido e severo, gosou-se da affeição do ermita da Fonte Santa, e provavelmente o ajudou por varias vezes a fechar aquelles engraçados sonetos de poeta horaciano, em que figura a luzidia calva do padre Delfim, e a famosa rebecca, alegria das festas e fogueiras do S. João.

Nascido a 6 de janeiro de 1728, dous annos antes de Salomão Gesner, o Theocrito da Suissa, seus paes arruinados pelas adversidades do commercio, não tiveram para o receber senão um berço pobre, e cercado de tristezas.

José Fernandes Quita contratava em pannos brancos, e sete annos depois de lhe nascer este filho, viu-se obrigado a deixal-o ao collo das meiguices maternas, entre as lagrimas de uma viuvez antecipada, avivadas ainda pelas maguas da indigencia.

Mais seis irmãos compunham a familia, e redobravam os cuidados da desditosa esposa, para a qual já não eram pequeno tormento as saudades da ausencia, e o quadro da orphandade de tantas creanças, confiadas unicamente á sua protecção, e á de Deus.

Por alguns annos houve noticias do pae, e as remessas, mandadas da America, aonde passára, eram os soccorros, com que a disvelada mãe acudia ás despesas mais urgentes da casa, e á boa educação, em que se esmerava para com seus filhos.

Um dia, porém, cessaram os auxilios e as cartas, e com ellas repentinamente desapareceram os meios de supprir as precisões da vida.

Maria Rozaria achou-se de todo viuva, e nas duras estreitezas, a que a miseria a vinculava, teve de quebrar por votos e propositos para attender primeiro aos gemidos da fome de sete creanças inteiramente desamparadas.

Aonde a indigencia aperta não ha logar senão para ella. As faculdades do engenho, e os dotes da alma madrugaram pois debalde em Domingos dos Reis. Foi necessario sacrificar-os á necessidade.

Aos treze annos, apesar da facil comprehensão, e do juizo perspicaz, que desde a idade juvenil inculcavam o que o futuro lhe reservava, a infeliz mãe, carregada de obrigações, foi constrangida a suffocar o orgulho e as esperanças do seu amor, applicando-o a uma profissão mechanica, para se alliviar um pouco do grande pezo da familia, e proporcionar ao filho honrado modo de subsistir.

Entrou logo como aprendiz de cabelleireiro; mas a felicidade do engenho luctava com a humildade do officio. A viveza das suas respostas, e a descripção dos seus ditos eram o enlevo dos frequentadores da loja; e as horas, que podia furtar sem prejuizo ao seu trabalho, empregava-as na lição dos livros bons.

Quem n'estes curtos ocios o buscasse, ia encontral-o meditando e relendo as obras de Camões e de Francisco Rodrigues Lobo, os auctores que estimou sempre mais, e que na realidade mais se elevam na poesia portugueza.

Em mocidade tenra, e desajudado de todos os conselhos, repassou-se gradualmente das bellezas de pensamento e de estylo, que elles encerram; e ornando o espirito com os trechos, que o exaltavam, conseguiu retel-os pela maior parte na memoria, tiran-

do de ambos, o traço, a côr, e o mimo, que admiramos nas suas composições.

Antes de ter lido as poeticas, então apontadas como guias infalliveis, e quasi como unica inspiração; antes de conhecer as regras assignadas aos differentes generos, Quita, a sós consigo e com os seus modelos, principiou a entregar-se á vocação, fazendo versos, e recatando-os com tanto susto, como se os primeiros clarões da imaginação constituíssem graves delictos.

A ecloga de *Alcino*, tentada ainda na puericia, apesar da inexperiencia, já deixa sentir a suavidade e abundancia, que depois enriqueceram o estro do poeta.

A desconfiança de si, e a modestia, que tanto realce deu ao seu talento, levaram-o a occultar os bellos ensaios da adolescencia com um cuidado igual, ao que a mediocridade vaidosa emprega para alardear produções informes.

Muitos annos cultivou a poesia, e favorecido entrou na familiaridade das musas, sem que os amigos mais íntimos nem sonhassem, que elle era capaz de rimar uma decima, ou uma quadra.

As vezes lia-lhes os seus versos, mas sempre attribuindo-os a auctor supposto, que fingia ser um religioso dos conventos das ilhas. Foi preciso, que o soneto

Benigno amor os impios que te offendem,

viesse descobrir parte do segredo. A final as suspeitas converteram-se em certezas n'um divertimento, dado na Moita, na quinta de Santo Antonio.

Ahi, o engenho do Quita revelou-se em todo o seu vigor, e desde então caíram os véus do anonymo, com que, por excesso de modestia, tanto tempo se escondêra dos louvores.

D'aquelle dia em diante, os cultores da poesia saudaram mais um irmão em Apollo, e os que não o conheciam senão de nome, desejaram conhecê-lo pessoalmente. Da obscura loja, aonde largos annos a pobreza tinha encarcerado este grande talento, digno de applauso, passou elle nos braços de sinceros admiradores para as fadigas da vida das letras, servindo-lhe de corôa os proprios esforços para se occultar.

A adversidade, entretanto, ainda não se mostrava branda com elle. Ciosa dos elogios, que animavam o novo poeta, parece que se comprazia em lh'os fazer amargos; negando-lhe a paz e a serenidade, que se alcançam na mediocridade dos bens, mas que os espinhos da necessidade não permitem.

No meio das ovações, que o exaltavam, Domingos dos Reis pensou as estreitezas da indigencia extrema; e para não desistir do caminho encetado, foi-lhe preciso chamar em seu auxilio todas as forças d'alma, e escorar-se n'ellas para não ceder á crueldade da fortuna.

Não a venceu, porém; mas oppoz-lhe até ao ultimo suspiro aquella inteireza, prezada pelo Garção, como a primeira qualidade do homem probo, como timbre e gloria da virtude, conscia do seu poder.

Um dos homens, que desde o principio applaudiram o estro de Quita, foi José Antonio de Brito, cujos sentimentos nunca se desmentiram. Desejoso de concorrer para melhorar as circumstancias do poeta, informou das suas prendas o conde de S. Lourenço, habilitado apreciador dos merecimentos litterarios, e conseguiu que o douto fidalgo quizesse ouvir os versos, cuja suavidade attrahia os cultores das musas.

Logo da primeira conversação, ficou o conde tão

satisfeito da penetração e viveza do Quita, que depois de confirmar como justa a fama publica, tratou por todos os modos de lhe significar a sua estima, a qual depressa se mudou em amizade e affectuosa protecção.

As calamidades da epocha, e o quinhão que o conde teve n'ellas, foram as que impediram o poeta de colher o fructo, que devia esperar de tão agradaveis relações.

Entre os cabeças da nobreza que o marquez de Pombal designára como perigosos, o conde de S. Lourenço pela sua capacidade não podia ser esquecido; e o implacável ministro, apenas se lhe proporcionou o ensejo, não se demorou em fechar sobre elle com o maior rigor as portas da prisão da Junqueira, o que n'aquelle tempo equivalia a chumbar sobre um vivo a campa de uma sepultura!

Separados assim, o poeta perdeu da vista, mas não da memoria do coração, o seu primeiro protector; e tornou a sentir o mesmo desamparo, em que só por momentos deixou de gemer durante a sua vida.

Mas os desgostos domesticos, por mais pungentes, não alteravam n'elle o amor do estudo e a inclinação poetica. Longe de affrouxar, redobrou o esforço. Para não desmerecer da reputação, que lhe tinham grangeado os seus ensaios, desvelou-se em supprir a falta de educação litteraria á custa de penosos e constantes trabalhos. Sem mestres, e soccorrido só pela firmeza da vontade, applicou-se ás linguas vivas, e dentro em pouco as obras primas das litteraturas franceza, castelhana e italiana, ficaram sendo para elle tão familiares, como os livros portuguezes. Não podendo ler os auctores gregos e latinos no original formou idéa proxima das suas bellezas, recorrendo ás mais acabadas versões. D'esta maneira poliu o gosto, esmerou a critica, e fortaleceu por meio de thesouros escolhidos os dotes naturaes do seu feliz engenho. Meditando as regras, e confrontando-as com os modelos, conseguia crear estylo proprio, e percorrer o estadio de Theocrito e Virgilio, a distancia dos mestres, mas sempre igual aos mais louvados entre os modernos. N'esta lucta com um genero, que na simplicidade mesma encerra a maior difficuldade, o Quita excedeu a todos os nossos bucolicos antigos, exceptuando talvez Rodrigues Lobo, em alguns trechos, e Bernardim Ribeiro em varios toques de sentimento, que só a paixão inspira.

(Continua.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

#### PROCESSO PARA TORNAR A MADEIRA MENOS COMBUSTIVEL.

Por mais expedientes que se hajam lembrado, a experiencia tem vindo demonstrar a impossibilidade, ou, pelo menos, a grande difficuldade, de tornar a madeira absolutamente incombustivel. Para que comtudo se incendie com menos rapidez é necessario impregnal-a de uma dissolução salina, que fixando-se na sua superficie a ponha a abrigo do contacto do ar. Se se tratasse sómente de operar em ponto pequeno, o melhor methodo seria o seguinte:

Mergulhar a madeira n'uma dissolução quente de phosphato de soda ou de phosphato de potassa, de borato de ammoniaco ou de borato de potassa; deixal-a esfriar, e depois empregal-a, pintando-a desde logo com tinta desfeita em colla forte.

Querendo-se porém preparar madeira em quantidade maior, o processo mais economico e mais conveniente a todos os respeitoos consiste em mergulhal-a n'uma dissolução bem quente de alumen, deixal-a ahí esfriar, e depois, logo que se acha concluido o trabalho que com ella se pretendeu fazer, pintal-a do modo que acima se indicou.

### INDIFFERENÇA E MORTE!

J'ai passé comme une fleur, j'ai séché comme l'herbe des champs. Pourquoi la lumière a-t-elle été donnée à un miserable, et la vie à ceux, qui sont dans l'amertume du cœur?!

JOB.

Ultimo arranco d'indiff'rença gelido,  
Elisa, escuta d'este peito meu,  
Pungente queixa, que em sorrir sarcástico  
Ahi t'envia quem por ti morreu!

Ai! — dos teus labios o sorrir angelico  
Fallou-me ao peito de prazer, de amor;  
Mal eu pensava, que um sorriso perfido  
Roubar-me vinha d'esta vida a flor!

Julguei-te um anjo nos meus sonhos candidos,  
Julguei-te pura qual ninguem te crê,  
Mulher traidora, que em atroz perjurio,  
Roubaste ao peito do prazer a fé.

Eu era a louca mariposa timida,  
Que o fado improbo attrahindo á luz,  
Encontra a morte n'essa chamma fervida,  
Que a innocente co' o fulgor seduz.

E tu, Elisa, foste a chamma perfida,  
Que a mariposa sem ter dó queimou;  
Hoje só resta meu cadaver livido,  
Que esta alma ardente por te amar — murchou!

Ai! de que serve n'este mundo improbo  
Entre tormentos sem amor passar,  
Se a crença ardente n'um sorriso magico  
Fugiu-me d'alma p'ra não mais voltar?!

Ai! n'este mundo de passar ephemero  
Meus dias fogem n'um penar cruel;  
Em taça cheia de veneno putrido  
Libei sem forças d'amargura o fel.

Debalde os risos d'esse mundo sordido  
Folguedos venham a mostrar-me aqui;  
Gritam debalde co'essa voz magnifica,  
— Não me seduzem, — p'ra gosar morri!...

Abril de 1855.

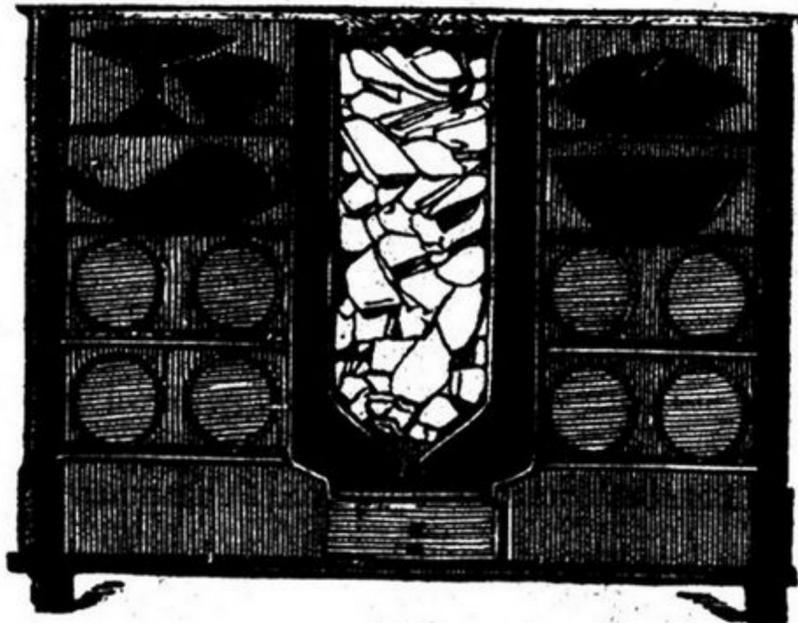
A. DE BARRETO.

### HYMNOS DA IGREJA CATHOLICA.

Os hymnos cantados pela Igreja nas suas varias e magestosas solemnidades são, na maxima parte, de remotissima data, e alguns d'elles de origem duvidosa ou desconhecida. O *Te Deum* foi obra de Santo Ambrosio. O *Lauda Sion Salvatorem* foi composto por S. Thomaz d'Aquino. O *Salve Regina* é attri-

buido ao papa Innocencio III: as ultimas palavras *Ó clemens! ó pia! ó dulcis Virgo Maria* (ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria) foram accrescentadas por S. Bernardo.

O hymno *Alma Redemptoris Mater* foi composto por Hermano Contiactur, frade beneditino. O *Vexilla Regis* já se cantava no tempo das cruzadas. O cantico *Regina coeli*, que se repete pela paschoa, foi legado aos fieis pelo papa Gregorio Magno, que o compoz logo depois de uma visão milagrosa. O hymno para a festa de S. Pedro e S. Paulo attribue-se a Boecio; finalmente os hymnos do breviario parisiense foram quasi todos composição do conego Santeuil.



### GELEIRAS PARA USO DOMESTICO.

A gravura representa o modelo de uma geleira economica, modernamente adoptada em Paris, e de um emprego reconhecidamente vantajoso.

Qualquer marceneiro, dotado de certa intelligencia e gosto, póde fabricar este pequeno, e até elegante movel. Consta a geleira domestica e economica de uma especie de armario de duas portas, dividido interiormente em tres repartimentos, sendo os dous lateraes guarnecidos de prateleiras. No repartimento central colloca-se um boião de grés de grandeza proporcionada, terminando em fórma conica, e com um pequeno orificio no fundo: este boião deve estar mettido dentro de uma caixa maior de madeira ordinaria, enchendo-se os vãos que ficarem entre esta e aquelle de carvão bem moido. A agua resultante da fusão successiva do gelo, saíndo pelo orificio do boião, atravessa a camada de carvão pulverisado, e sáe perfeitamente purificada no reservatorio inferior, d'onde póde extrahir-se quando se queira beber, por meio da competente torneira (a).

N'esta geleira conserva-se sempre uma porção de neve para todas as applicações que se lhe pretender dar, que não são poucas actualmente, tanto na economia domestica, como na medicina, e na hygiene. Ao mesmo tempo obtem-se por este singelo apparecilho agua magnifica já distillada. As prateleiras, de que estão providas as divisões lateraes do armario, permitem igualmente que se resfriem as viandas e liquidos que se desejarem apresentar na mesa, no estado de maior frialidade possivel.

Em um clima como o nosso, que attinge em certas epochas do anno um grau de calor quasi insupportavel, as neveiras domesticas devem ser de uso muito proveitoso e agradavel. Accresce a modicidade do custo, que se calcula não excéder, sendo fabricadas de boa madeira, a uns 8 a 9\$000 réis.